

UM DIA NA ALDEIA: UMA EXPLORAÇÃO IMERSIVA

Ana Laura Tronzano Campos

Bruna da Torre Rodrigues

RESUMO

Este trabalho aborda o estudo de meio como metodologia investigativa no 1º ano do ensino fundamental I, com crianças de 6 e 7 anos. Tratou-se de uma vivência imersiva que conecta a complexidade do espaço, por meio do diálogo com o ambiente explorado, para ampliar os conteúdos trabalhados no cotidiano escolar sobre a cultura dos povos originários, promovendo uma aprendizagem significativa, mobilizando habilidades cognitivas e desenvolvendo o respeito à diversidade cultural, étnica e social. Foi uma experiência em um sítio que simula uma aldeia indígena no estado de São Paulo, após levantamento de conhecimentos prévios, algumas investigações e coleta de dados. O estudo de meio no Colégio Emilie de Villeneuve, como recurso metodológico investigativo, proporciona novas possibilidades de conhecimento, permitindo aos alunos vivenciar e explorar conteúdos aprendidos, como línguas indígenas, uso das plantas medicinais, rituais, músicas, brinquedos e brincadeiras, artesanatos, alimentação, hábitos culturais e de vida. Este projeto específico foi articulado entre todos os professores da série/ano e recebeu como nome Raízes vivas: saberes e tradições dos povos originários, planejado intencionalmente desde o projeto de série/ano, perpassando os planejamentos anuais e bimestrais, especialmente de ciências humanas. O trabalho teve como resultados ganhos no envolvimento durante as propostas, notavelmente aquelas que relacionam a cultura e os diferentes modos de viver, o estabelecimento de relações mais sensíveis com a natureza e os cuidados com o ambiente escolar, transpondo no dia a dia (micro) o que antes se explorou no estudo de meio (macro), além do notório avanço na atuação protagonista durante a criação de relatos de memória e mapas mentais que conectam aprendizagens. Este trabalho fundamentou-se nas teorias de Colégio Emilie de Villeneuve (2024-2019), Cordeiro (2007), Guerra (2022), Hoyuelos (2020), Moreira e Masini (1982), Mundukuru (2019) e Proença (2022).

Palavras-chaves: Estudo de Meio; Povos Originários; Cultura Indígena; Metodologia Investigativa; Vivências Imersivas.

Introdução

A sociedade contemporânea enfrenta o desafio de desenvolver um senso de respeito mútuo entre diferentes povos e culturas. Neste trabalho, fizemos um recorte da cultura dos povos originários do Brasil, para que haja maior cordialidade, cortesia, interação e integração, visando à diminuição da intolerância, da discriminação e do preconceito.

É latente a urgência de a educação olhar para o futuro sem esquecer-se do passado, reconhecendo na sabedoria da ancestralidade o caminho norteador para a

construção do presente, num questionar constante e contínuo, conforme defende Guerra (2022):

Questionar o que torna uma experiência de qualidade continua a ser uma discussão atual e necessária para aspirar sempre a uma educação autêntica. É uma qualidade que não se realiza somente por meio da agradabilidade da experiência, como é fácil compreender, mas lança o olhar exatamente mais longe, na direção das oportunidades que estão por vir, que leva em consideração a tarefa de nutrir. Essa ‘categoria da continuidade ou o continuum experimental’ (ivi, p. 17) pode se realizar somente se nutrindo do passado, habitando o presente e, contemporaneamente, tendo em mente o futuro (GUERRA, 2022, p. 38).

Nesse sentido, o estudo de meio objetiva vivenciar e aprofundar conteúdos na interação e troca com os povos originários, enquanto sujeitos com robusta bagagem cultural, que influenciam diretamente a cultura em que os alunos estão inseridos por meio da investigação, desenvolvendo a habilidade de comparação e ampliação da visão de mundo.

As crianças de 6 e 7 anos vivenciaram previamente contextos investigativos sobre a cultura indígena no ambiente escolar. Os materiais foram escolhidos com o intuito de provocar a curiosidade frente ao desconhecido, instigando a verbalização dos conhecimentos prévios individuais na construção das conexões coletivas a respeito do tema, como uma grande teia de ideias.

Em um primeiro momento, os meninos e as meninas costumam expressar repertórios pautados nas histórias conhecidas do folclore brasileiro, evidenciando a cultura indígena como algo distante e passado. Para Moreira e Masini (1982), “[...] em situações práticas de aprendizagem, muitas vezes a dificuldade maior não está na discriminabilidade, mas sim na aparente contradição entre os conceitos novos e ideias já estabelecidas na estrutura cognitiva”.

Nessa perspectiva, a equipe pedagógica entendeu que vivenciar as características da cultura indígena, comparando-a com a realidade cotidiana num estudo em um ambiente externo, foi ao encontro da necessidade da sociedade contemporânea de construção de identidade, considerando todos os povos e todas as culturas como detentores de conhecimentos.

Sendo assim, explora-se o resultado da valorização da cultura indígena mediante

o estudo de meio como metodologia investigativa na relação com a natureza e a percepção da influência cultural no cotidiano para a construção de conhecimento.

Discussão

Reconhecendo a importância da valorização cultural, o estudo de meio para um local que simula uma aldeia indígena se concretizou como percurso para uma aprendizagem significativa, que, segundo Daniel Mundukuru, é importante para que as crianças

[...] percebam as diferenças entre si mesmos. Não é preciso ir longe para se notar quanto o ser humano é diferente, mas às vezes é preciso conhecer as diversas formas de se viver no mundo para acabarmos compreendendo a importância de se respeitar nosso semelhante. Só se respeita o outro quem conhece o outro (MUNDUKURU, 2019, p. 7).

Por se tratar de um recurso metodológico investigativo, permitiu aos alunos vivenciarem e explorarem os diferentes objetos de aprendizagem em um ambiente imersivo. A saída pedagógica propiciou o conhecimento de outros modos de vida e organizações, em contato direto com diferentes leituras de mundo. Nesse sentido,

[...] as escolhas metodológicas refletem uma postura pedagógica que aponta para um aprender a todo tempo, em todo espaço: no período e no espaço escolar, por toda a existência e em todos os ambientes, em relação com os outros e o planeta, numa finalidade de serviço (COLÉGIO EMILIE DE VILLENEUVE, 2024 - 2029, p. 20).

Construiu-se, assim, uma metodologia diversificada, baseada na realidade cultural. O estudo nem foi o ponto de origem, nem o ponto de chegada, mas uma metodologia investigativa que ampliou o trabalho iniciado previamente e que se estendeu além do estudo de meio.

Nos anos de 2024 e 2025, as saídas pedagógicas foram realizadas para dois diferentes locais no estado de São Paulo, nos quais indígenas nativos que preservam sua cultura deslocaram-se de suas moradias para trabalhar no recebimento de grupos escolares, com o intuito de promover um intercâmbio cultural, simulando o funcionamento de uma aldeia indígena. Em ambos os locais, os grupos de crianças se rodizaram entre diferentes oficinas ministradas por eles: línguas indígenas, uso das plantas medicinais, rituais, músicas, brinquedos e brincadeiras, artesanatos,

alimentação, hábitos culturais e de vida.

Cada uma dessas oficinas mesclou a explicação com a exploração, trazendo consigo muito da cultura indígena preservada por certa hierarquização, especialmente com relação ao respeito aos mais velhos, tidos como mais sábios no que dizem e merecedores de atenção plena.

Os cheiros, as cores, os sabores e as texturas serviram como convite para as mãos ávidas e os olhares curiosos, que, logo ao sair do bairro do colégio, começaram a observar pelas janelas do ônibus e buscar por referências visuais às quais estão habituados, como mercados, shoppings, prédios e placas. Aos poucos, as paisagens se transformaram, à medida que se distanciaram do perímetro urbano. Falas comparativas despontaram, desde a sujeira observada no Rio Tietê até os animais que passaram a surgir nos pastos verdejantes, conforme se aproximaram do destino.

Ao chegar ao ambiente imersivo, o grupo foi recepcionado pelo cacique ou cacica em uma grande roda em que o silêncio e a atenção foram essenciais, sem perder a inquietação de descobrir e explorar.

Resultados

Este trabalho revelou a potencialidade das crianças diante das diferentes culturas, valorizando o estudo de meio como metodologia investigativa e evidenciando a vivência imersiva como caminho para a aprendizagem significativa. Como resultado, observamos: discussões mais aprofundadas e menos discriminatórias; elaboração mais complexa de perguntas sobre o modo de viver em diferentes culturas; refinamento das comparações entre as paisagens naturais e modificadas; ampliação dos cuidados com a natureza e notório avanço na atuação protagonista durante a criação de relatos de memória e mapas mentais que conectam aprendizagens.

Em destaque colocamos os mapas mentais como resultado, pois evidenciaram a ampliação proporcionada pelo estudo de meio como metodologia investigativa, quando comparados os mapas feitos antes e após a saída pedagógica, correlacionando teorias provisórias e perguntas germinativas com conhecimentos adquiridos.

Referências

COLÉGIO EMILIE DE VILLENEUVE. **Projeto educativo:** 2024-2029. São Paulo: Colégio Emilie de Villeneuve, 2024.

CORDEIRO, J. **Didática.** São Paulo: Contexto, 2007.

GUERRA, M. As mais pequenas coisas. A exploração como experiência educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

HOYUELOS, A. A estética no pensamento e na obra de Loris Malaguzzi. São Paulo: Phorte, 2020.

MOREIRA, M. A; MASINI E. F. S. Aprendizagem significativa a teoria de david ausubel. São Paulo: Editora Moraes LTDA, 1982.

MUNDUKURU, D. Coisas de índio. São Paulo: Callis, 2019.

PROENÇA, M. A. O registro e a documentação pedagógica. São Paulo: Panda Educação, 2022.